

**FHE** **POUPEX**

## AS TRADIÇÕES DA ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS EM SEUS 40 ANOS DE RESENDE



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, e Sorocaba etc. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Foi instrutor de História Militar na AMAN, 1978-1980 e Diretor do Arquivo Histórico do Exército 1985-1980, depois de comandar o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG 1981-1982. Desenvolveu a História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 21 livros em parcerias. *Meu artigo digitalizado para disponibilizá-la em Livros e Plaquetas, no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e cópia impressa no acervo da hoje FAHIMTB, doado em Boletim a AMAN e sendo integrado ao programa Pégamo de bibliotecas do Exército.*

ISSN 0101-6547  
REVISTA DO

# clube militar

JULHO – AGOSTO 1984



AMAN Tradições em seus 40 anos  
p.5

## Os 40 anos da AMAN

## AS TRADIÇÕES DA ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS EM SEUS 40 ANOS DE RESENDE

*"Academia Militar — heróis a lutar  
Por um Brasil maior  
Na paz como na guerra  
Honrando as tradições da nossa terra"*

Cláudio Moreira Bento



*Os 40 anos da FEB e da AMAN em Resende representados na gravura pela visão de ângulo do Conjunto Principal tendo a sua frente, voltado para ele, o Monumento aos Tenentes do*

*Realengo mortos em ação na FEB, inaugurado em cerimônia presidida pelo Marechal Mascarenhas de Moraes em 23 de abril de 1952.*



O ano de 1984 memora, além dos 40 anos do aprestamento da Força Expedicionária Brasileira (FEB), os 40 anos de instalação gradativa em Resende-RJ, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) que até 23 de abril de 1951 chamou-se Escola Militar de Resende, desde que criada em 19 de novembro de 1943.

A instalação, da AMAN, coincidiu com o último ano de funcionamento da Escola Militar do Realengo (1913-1944) que formara as gerações dos oficiais que lutaram na FEB, à exceção de seu comandante — o Marechal Mascarenhas de Moraes, que comandou aquela Escola de modo assinalado, de 1935-36.

O primeiro ano da Academia em Resende foi marcado pelas seguintes efemérides significativas, algumas delas já consagradas como tradições: 1º de março — instalação administrativa, coincidente com o aniversário do término da Guerra do Paraguai e fase inicial de aprestamento da FEB; 20 de março — início das atividades escolares com 596 alunos transpondo pela primeira vez o Portão de Entrada de Novos Cadetes; 23 de abril — inauguração do Museu Escolar e doação pelo Marechal José Pessoa, idealizador da Academia, de busto do Duque de Caxias, como patrono do Exército e da Academia, contendo, em placas, os nomes dos soldados de bom comportamento que carregaram o caixão do Pacificador de acordo com suas últimas vontades; 2 de julho — comemoração do desembarque da FEB na Itália; 10 de novembro — instalação oficial da Academia, assinalada pelo hasteamento, pela primeira vez, da Bandeira Nacional no mastro grande e incorporação do novo Estandarte do Corpo de Cadetes, confeccionado e doado pelas senhoras de Resende e, 11 de novembro — entrega pelo já consagrado historiador militar General Tasso Fragoso, ao Museu Acadêmico, da túnica branca, perfurada a bala e manchada de sangue, que usava, ao ser ferido, como primeiro-tenente, em 9 de abril de 1894, no combate de Morro da Armação. Túnica acompanhada de carta pessoal do Presidente Floriano Peixoto exaltando sua heroicidade, além de foto do canhão Krupp e guarnição que comandava ao ser ferido em combate.

Surgiu, assim, em 1944, em posição estratégica e clima privilegiado, debruçada no histórico rio Paraíba, impregnada, embalada e emoldurada por tradições e glórias

*militares significativas — umas das mais modernas e adiantadas escolas militares do mundo. A AMAN foi a concretização de um grande sonho, sonhado, acalentado, muito sofrido e perseguido, desde 1930, por um idealista e patriota singular — o Marechal José Pessoa Albuquerque Cavalcanti, ponto culminante na galeria dos ilustres ex-diretores e comandantes de nossa escola de formação de oficiais do Exército, desde sua instalação, em 23 de abril de 1811, como Academia Militar Real, na Casa do Trem, onde hoje se situa o Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro (2).*

*"A AMAN foi o maior sonho sonhado por um chefe militar do Brasil". Recordar aspectos ligados a este sonho concretizado do Marechal José Pessoa, centenário em 1985, bem como as tradições da AMAN — ou o seu espírito nos seus 40 anos em Resende, é o objetivo maior deste trabalho que complementa estudo mais completo que publicamos na Revista do Clube Militar em 1979, no qual relacionamos as principais fontes referentes à História da Academia de 1810-1979.*



*Entrada Monumental, vendo-se à direita o portão simbólico de Entrada dos Cadetes, inaugurado em 20 de março de 1944 e, à esquerda, o de Saída dos Aspirantes formados, inaugurado em 11 de agosto de 1945.*

*Ao fundo, no horizonte, a Mantiqueira, com destaque para a Pedra Selada ou Galinha Choca e conforme o ângulo, lembrando a cabeça de uma onça. Visão parcial vista da Rodovia Dutra.*

## O SONHO DE CONSTRUÇÃO DA AMAN

Vitoriosa a Revolução de 1930, ela colocou no comando Escola Militar do Realengo o Coronel José Pessoa, filho de Cabaceiras- PB e figura providencial que em cerca de três anos revolucionou por completo e nela introduziu a maior parte suas mais caras tradições. Idealizou e projetou a AMAN em 1931-34 e criou sua mística. Oficial de Cavalaria modelar, fora instrutor, em 1916, como Tenente, da Escola de Direito de São Paulo, veterano dos Dragões da Cavalaria Francesa na Guerra Mundial onde foi promovido, por bravura, estagiário Saint Cyr e instrutor de Blindados no Brasil, após curso específico em Versalhes. Era irmão de João Pessoa, prestigioso político paraibano, assassinado antes da eclosão da Revolução 30 e sobrinho do Presidente Epitácio Pessoa. Sua ação no Realengo pode ser sintetizada pela introdução de um estádio para a prática de educação

física e desportiva; de uma biblioteca condignamente instalada, acompanhada de outros melhoramentos visando ao conforto e bem-estar de seus alunos (3). No campo das tradições introduziu, segundo desenhos de Watsch Rodrigues, o Estandarte do Corpo de Cadetes, os uniformes históricos, elo do Exército Imperial com o Republicano, e mais o título de Cadete, o Corpo de Cadetes, o Espadim de Caxias, como arma privativa do cadete e cópia fiel em escala do sabre da campanha do Duque de Caxias que desde 1925 integra o acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de que Caxias foi sócio. Criou o Brasão d'Armas da Escola, tendo ao fundo as Agulhas Negras, em Resende. Trabalhou febrilmente, com o concurso de comissão específica de cadetes, professores e instrutores e apoio superior do Ministro Leite de Castro, na procura de um local para a construção de uma nova escola militar, indicada por unanimidade Resende-RJ e, o respectivo projeto.

O Livro de Hóspedes do Hotel Clube dos 200, na antiga Rio- São Paulo, registra diversas idas do então Cel. Pessoa a Resende visando a escolha do local e projeto da Escola Militar.

O projeto inicial de instalação da AMAN foi na Fazenda do Castelo, assim chamada desde o início do século pelas moças do local, segundo Joaquim Maia, em razão de seu edifício sede, ainda de pé com todo o seu esplendor, lembrar um castelo. Foi neste local que se fixou, inicialmente, José Pessoa, ao visitar Resende em 16 de fevereiro de 1931, em companhia de seu assistente. Capitão Mário Travassos, que seria o comandante instalador da AMAN no ano de 1944.

O projeto inicial do arquiteto Raul Pena Firme foi para este local, que estende-se, inclusive, pelo hoje bairro do Paraíso (4).

Na Revolução de 1932, a Estação Ferroviária de Resende — a atual das Agulhas Negras — foi o QG das forças do Governo combatendo a citada revolução. Nela, em 20 de março de 1932, o Presidente Getúlio Vargas comprometeu-se numa larga roda de oficiais a construir a atual AMAN. Na época, o campo de paradas da Academia serviu de base para os "vermelhinhos" aviões que apoiavam as tropas do governo. No Manejo, nome que significava Campo de Manejo ou de Manobras de Tropas, desde a Guerra do Paraguai, por ter servido ao adestramento dos Voluntários da Pátria de Resende, concentrava-se parte do contingente que fazia frente aos revolucionários, ao longo da antiga Rio- São Paulo. Nesta época o então Capitão Odylio Denys, que conhecia a região por ter permanecido largo período antes no atual Hospital Militar de Itatiaia, comandou com êxito um desbordamento pela Mantiqueira, aparecendo na retaguarda dos revolucionários, obrigando-os a retrair. Tudo, em razão da presença de uma tropa legal de efetivo indefinido na retaguarda revolucionária. Isto é o que conta a tradição, a confirmar pelo ilustre cabo- de- guerra.

### **PEDRAS FUNDAMENTAIS**

O Coronel José Pessoa, pronto o projeto da AMAN para ser implantado não no local atual, repito, mas na Fazenda do Castelo, onde teve início Resende, idealizou lançar a Pedra Fundamental da AMAN no jardim fronteiro ao edifício da fazenda do Castelo , no dia 28 de outubro de 1933. Isto coincidindo com o término das grandes manobras anuais da Escola Militar do Realengo (5). Manobras que ali naquele local teriam seu epílogo. Dois anos antes, em 8 de setembro de 1931, José Pessoa incursionara às Agulhas Negras com autoridades de Resende, auxiliares diretos e o arquiteto da AMAN Raul Pena Firme, com o fim solene e específico de selecionarem uma pedra do maciço, para servir de pedra fundamental da Escola das Agulhas Negras. Foi da região chamada Grotão que José Pessoa selecionou uma pedra solta das Agulhas Negras de 60x50 cm. E falou, comovido, apertando a pedra junto ao peito para a Comitiva:

**"Meus amigos e meus patrícios esta será a pedra fundamental da Escola Militar em Resende".**

Os pátios, jardins e pomares do solar ou "Castelo" dos Godoy foram preparados para o grande momento. Toda a Escola com oficialidade. Corpo de Cadetes, Banda de Música e salva de Artilharia, aguarda o histórico momento — a chegada das autoridades do Rio de Janeiro e o grande churrasco a ser oferecido. Lá pelas 15 horas, um mensageiro da Central do Brasil entrega um telegrama urgente do Ministro da Guerra, General Gesuíno Espírito Santo Cardoso, dirigido ao Cel. Pessoa, com o seguinte teor:

**"Não existindo até agora nenhum ato oficial sobre a futura Academia Militar, lembro ao prezado camarada que não convém fazer o lançamento da pedra fundamental da mesma, o que deverá ser adiado para outra oportunidade". (6)**

Ao ler a mensagem, lágrimas incontidas correram pela face do grande idealista. Sua decepção transmitiu-se aos cadetes aos quais não foi dado o real motivo. Segundo o arquiteto Raul Pena Firme, o Cel. Pessoa sozinho, à noite, enterrou a pedra, síntese de seu maior sonho, em algum lugar da imponente sede da Fazenda Castelo.

Resgatar esta pedra dos jardins da Fazenda Castelo seria uma grande homenagem ao idealizador da AMAN. Isto para colocá-la, talvez, no Museu, junto com a lançada em 1938 e resgatada em 1979 do desconhecido onde se encontrava, depois de demorada e acurada pesquisa da Cadeira de História Militar que integrávamos junto com os Tenentes-Coronéis Ney Sales e Sérgio Marcondes.



*Praça defronte o Conjunto Principal, tendo ao fundo o Maciço do Itatiaia do qual sobressai o pico das Agulhas Negras que emprestou o nome à Academia. Em destaque o mastro principal no qual a bandeira foi hasteada pela primeira vez*

*em 10 de novembro de 1944. Foto tomada de altura que faz parte do platô sobre o qual foi feito o primeiro projeto da AMAN cuja sede seria na Fazenda do Castelo, dos Godoys, onde teve início Resende, então Campo Alegre.*

O Cel. Pessoa ficou desgostoso. No ano seguinte, em que pese sua dedicação e amor aos cadetes, houve uma agitação entre os mesmos. Foi uma espécie de operação tartaruga que ficou conhecida como "**A revolta dos braços caídos**". O pretexto foi a exigência de aprovação no exame de saúde para a declaração de aspirantes. Soube-se mais tarde, por Paula Cidade, então professor de História e Geografia Militar e pelo Coronel Mascarenhas de Moraes em suas **Memórias** que a agitação era de inspiração comunista. Prova-o um de seus líderes ter participado da Intentona Comunista na Escola

de Aviação. O Cel. Pessoa enfrentou uma agitação escolar em 1932, por não haver permitido a participação de cadetes contra ou a favor da Revolução de 32. E, finalmente, em 1934, sofrera outra que o obrigou a certa altura a desabafar com o Capitão Paula



10 - ACADEMIA MILITAR DE AGULHAS NEGRAS - PISCINA E CONJUNTO Principal. À esquerda dele os alojamentos dos cadetes sob a forma

de apartamentos. No alto, à esquerda, estação de tratamento d'água e mais abaixo o Hospital Militar que serve à Academia.

Cidade: **"Cidade eu tenho feito tudo, mas tudo mesmo, por meus cadetes e agora que preciso deles me mandam a la cria".**

Esta é a verdade histórica a surpreender as atuais gerações.

No comando seguinte, o Cel. Mascarenhas de Moraes conseguiu, conforme afirmou em suas **Memórias**, erradicar por diversas maneiras agitações que desde 1922 atingiam a Escola Militar.

Com a saída de José Pessoa do Realengo o seu sonho da Escola Militar em Resende, embora ele continuasse a defendê-lo bravamente pela Imprensa e correspondência, entrou em compasso de espera. Depois do memorável comando do Cel. Mascarenhas de Moraes o sonho retornou forte. Em 2 de setembro de 1937 foi designada nova Comissão para escolher definitivamente o local para a nova Escola Militar. Ela confirmou a preferência por Resende mas deslocou o projeto da Fazenda Castelo para a atual Fazenda Alambari (7). Dela fazia parte o Capitão Amaury Krueel, que 26 anos mais tarde ali estaria, na qualidade de comandante do II Exército, para histórica reunião relativa à vitória militar da Revolução de 1964, na qual a AMAN teve saliente papel sob a liderança do General Emilio Garrastazu Medici, mais tarde Presidente da República, ao interpor a AMAN entre o I e II Exércitos na iminência de um choque.

Em 23 de junho de 1938, data coincidente com mais um aniversário da morte do Marechal Floriano Peixoto, ocorrida próxima na estação da Divisa (entre Resende e Barra Mansa), atual localidade de Floriano (por aquela razão), teve lugar o lançamento oficial da Pedra Fundamental da AMAN, em cerimônia presidida pelo Presidente Getúlio Vargas.

O local da AMAN, sobre o Paraíba, dista 60 km rio abaixo, em linha reta, da Fazenda Santa Mônica, também à margem esquerda do mesmo rio. Nesta Fazenda, ameaçada de

ruir, o Duque de Caxias, patrono da Academia e inspiração de seus cadetes, passou seus últimos dias de vida e veio a falecer ao anoitecer de 7 de maio de 1880. (8)

### **ORIGEM DE RESENDE E DAS TERRAS DA AMAN**

As terras de Resende passaram a ser exploradas por uma expedição que desceu de Airioca em Minas, em 1744, à procura de ouro. Ela foi chefiada pelo Coronel Simão da Cunha Gago, sargento-mor de Mogi das Cruzes-SP. A expedição desceu a Mantiqueira, peia Bocaina de Minas, Pedra Selada, com percurso balizado em grande parte pelo Pirapitinga. Na região de Resende levantaram povoação em local aprazível, hoje ocupado pelo solar cos Godoy, sede da Fazenda Castelo, no bairro do Paraíso. A novel povoação recebeu o nome de N.S da Conceição do Campo Alegre.daParaíba Nova. Temendo um ataque dos índios Puris, que habitavam a região desde então da Fumaça, em razão da fumaça feita por eles e avistada de Campo Alegre, houve a necessidade de procurar-se local mais seguro. Assim, em 1746, no local do centro da cidade de Resende, segundo se conclui do historiador Alfredo Sodré, foi erigida nova povoação na condição de capela Curada da Santa Virgem da Conceição do Campo Alegre. Decorridos cerca de 57 anos de Capela Curada, em função do progresso da lavoura do café introduzido em 1780 pelo padre Antônio Couto da Fonseca, com mudas ofertadas pelo bispo do Rio de Janeiro, ela foi transformada em Vila de Resende, tendo como donatário o Coronel Fernando Dias Paes Leme — descendente direto de Fernão Dias Paes Leme — o Caçador de Esmeraldas. Segundo conclusão de Itamar Bopp, o nome da localidade mudado de Campo Alegre para Resende, foi para homenagear o Vice-Rei Conde de Resende — José Luiz de Castro — que governou o Brasil de 1790-1801 e a quem coube no início do citado período presidir, em 21 de abril de 1791, o suplício do alferes José Joaquim da Silva Xavier — o Tiradentes — hoje o Patrono Cívico da Nacionalidade. O citado Vice-Rei nasceu e morreu em Lisboa em 19 de agosto de 1744 e março de 1815, respectivamente.

No ano em que a AMAN se instalou em Resende transcorria o ano do bicentenário de nascimento do citado Conde. José Pessoa não concordou com o nome inicial de Escola Militar de Resende. Achava que uma escola de oficiais do Brasil não podia levar o nome do Vice-Rei que presidiu o suplício de Tiradentes. Assim lutou para que a Estação Ferroviária de Resende se transformasse em Agulhas Negras e o bairro Campos Elíseos em Agulhas Negras e, finalmente, a mudança de Escola Militar de Resende para Academia Militar de Agulhas Negras.

As terras onde se ergue a AMAN pertenciam à Fazenda Alambari, cuja origem e evolução histórica sintetizamos: Elas. fizeram parte inicialmente de sesmaria que deu origem ao nome do arroio Sesmaria. Ela foi concedida em 1817, segundo Itamar Bopp e Alfredo Sodré, ao Capitão Pedro de Souza. Suas terras se mantiveram até 1827 virgens, ocasião em que receberam um fluxo migratório de Minas Gerais que as exploraram agricolamente. Parte das terras foram compradas em 1836 pelo padre Mariano José da Rocha. O local da atual AMAN foi conhecido até 1847 como campo do Padre Mariano. Parte destas terras foram adquiridas em 1847 pelo mineiro republicano, Capitão João Batista Brasil, proveniente de Minas onde participara da Revolução de 1842., Seu sonho frustrado cristalizou-se no nome que deu ao local de Campos Elíseos. Outra parte foi adquirida por José Ribeiro que a transmitiu a Pascoal Isoldi que recusou vendê-las, em 1910-11, para ali estabelecer-se uma unidade do Exército. O nome de Campos Elíseos dado pelo Capitão Brasiel procurava emprestar ao local o significado mitológico de lugar de delícias e bem-aventurança, destinado à morada dos heróis e dos justos após a morte. Havia o sentido de seu refúgio de paz e tranquilidade para o resto de sua vida.

Em 1913 a Fazenda Alambari foi adquirida pelo governo e transformada em Fazenda de Sementes e logo a seguir em Patronato Agrícola, para acolher menores de 12 a 18 anos abandonados nas ruas do Rio de Janeiro, tentativa que logo fracassou para

transformar-se em Horto Florestal, acrescido mais tarde da Estação de Monta, com animais selecionados, muitos dos quais tornaram-se célebres no turfe paulista. Na Revolução de 32 o atual Campo de Paradas da AMAN serviu de Campo de Pouso das tropas legais. A situação de campo de pouso continuou até 1938 com a construção do Aeroporto Militar de Resende, que se destinaria inicialmente, em substituição ao Campo dos Afonsos, a servir para a formação de oficiais da Arma de Aviação pela AMAN, até a criação, em 1941, do Ministério da Aeronáutica. A aviação amadora em Resende era muito expressiva e liderada pelo Coronel do Exército Mendes Santos, segundo o piloto Pazzini, que possui em seu escritório em Resende, valioso acervo fotográfico sobre esta época áurea da aviação em Resende.

### **O PANTEON DE CAXIAS - O FECHO DE OURO QUE FALTA NA AMAN**

Do plano diretor da AMAN, idealizado pelo Marechal José Pessoa, ainda não foi concretizado o Panteon de Caxias. No projeto original do Conjunto Principal locado na região do casarão da Fazenda Castelo, saía uma esplanada que terminaria por um cais com balaustrada na margem do Paraíba. Este seria retificado no trecho fronteiro à AMAN **"para os cadetes disputarem suas regatas"**. E, no meio dessa esplanada, segundo o Cel. Pessoa, **"serão erigido o Panteon de Caxias, patrono do Exército, e no seu interior repousarão os restos do grande brasileiro"**.

A descrição do Plano Diretor da AMAN executado em sua quase totalidade, é encerrada com a seguinte referência ao Panteon de Caxias:

**- "Panteon de Caxias. Fruto de patriótica, sadia e fértil imaginação, o Panteon de Caxias, repositório sagrado dos restos mortais do inolvidável Marechal Duque de Caxias, será muito em breve, maravilhosa realidade. A Chefia da Comissão de Construção da Escola está dedicando carinho todo especial à sua próxima execução. Constituindo ele também a Capela do Cadete, nela haverá lugar propício e sossegado para a meditação sobre os feitos do grande herói nacional. O Panteon será lugar de honra, locado à direita de quem entra na Escola, isolado, em local de absoluta quietude e voltado para as Agulhas Negras, perfeitamente banhado pelos raios solares, com linhas arquitetônicas em gracioso estilo romano; dispondo de museu e capela etc.. . e tendo à sua frente maravilhosa e imponente estátua equestre do herói. O Panteon será sem dúvida o fecho de ouro de toda esta série de magníficas construções da Escola Militar."**

Estátua voltada também para além e detrás das Agulhas Negras para Baependi, onde Caxias recuperou a saúde que pensava irremediavelmente perdida ao retornar, vitorioso, da guerra contra Oribe e Rosas 1851-52.

Em 1980, centenário do falecimento de Duque de Caxias em Santa Mônica, a AMAN foi cenário da cerimônia oficial principal que contou com a presença presidencial, e exposição de relíquias pertencentes a Caxias, vindas de diversos locais. E, inclusive, sua espada de campanha das quais os espadins são cópia fiel em escala. Cerimônia imortalizada na **Revista Agulhas Negras** de 1980. O culto a Caxias naquela época intenso parece registrar uma queda de uns tempos para cá. Vejamos: a casa onde casou e viveu na Tijuca nos intervalos de suas lutas em defesa da Integridade e da Unidade, do Brasil apesar de patrióticas reações, transformou-se nas modernas instalações da Mesbla e sem uma placa balizando que ali morou o maior de nossos generais. A casa onde nasceu e que pretendeu-se transformar em Parque Histórico Duque de Caxias, não mais existe e são discutíveis suas ruínas, além de descaracterizadas suas terras e, assim, de significado municipal. A casa de sua filha em Quissamã, a baronesa de Ururai, possui significado restrito e projeção municipal. A casa da Fazenda Santa Mônica, de propriedade de sua filha e genro barões de Santa Mônica está a caminho da ruína total e pertence à EMBRAPA que a cedeu em comodato para o Exército. Nela o Duque de

Caxias faleceu e passou seus últimos dois anos e meio de vida. Ela, se recuperada, poderia ser projeção nacional não só porque ali teve fim o maior de nossos generais, como, segundo Pedro Calmon, por ter sido erigida pelo Marquês de Baependi sogro da filha do Duque, além de seu parente e que foi senador do Império, deputado constituinte em 1823 e introdutor do primeiro orçamento nacional durante a Regência de D. João. O solar foi construído pelo referido **Marquês de Baependi, também um dos primeiros dirigentes e instalador da Academia Real Militari na Casa do Trem e depois Largo do São Francisco — come Coronel de Engenharia Executiva da Junta que instalou e foi a primeira a dirigir a Academia.**

O Brasil parece viver um período de renascença da preservação do patrimônio histórico brasileiro. Nossos museus ressurgem. Múltiplas são as iniciativas como a de tornarem Ouro Preto e Olinda patrimônios da Humanidade. Assim como nasceu uma consciência ecológica brasileira, nos últimos anos, estamos assistindo a um renascimento no sentido da preservação patrimonial e dos valores culturais da nacionalidade. Impõe-se que o grande brasileiro e o maior de nossos generais não seja esquecido e tenha melhor sorte do que o intrépido General Osório, com uma estátua equestre no Corredor Cultural do Rio, a casa onde faleceu na rua Riachuelo transformada em Casa de Osório e a casa onde nasceu restaurada e transformada no notável Parque Histórico Marechal Luiz Manoel Osório no Rio Grande do Sul, em 1970.

Espera-se que surja uma estadista para atalhar a ruína da Fazenda Santa Mônica (9) impedindo-a de seguir o triste destino do Solar de Caxias na Tijuca e, a transferir o Panteon de Caxias para a AMAN, como patrono do Exército, da AMAN e dos cadetes, num conjunto que abrigue um museu e uma capela evocativa de N. S. da Conceição a padroeira do Exército Imperial e devoção do grande soldado, cuja imagem que lhe pertence e aos pés da qual expirou em Santa Mônica, encontra-se no Museu do Exército, na AMAN.

O Histórico da AMAN registra a nomeação de algumas comissões visando a construção de um santuário, cuja idéia liga-se ao Plano Diretor e ao Panteón. O Museu da AMAN, elevado em Museu do Exército por Portaria 1633 de 17 de outubro de 1956 e que passou a funcionar em 18 de outubro de 1956, é um corpo estranho que não encontrou o seu local adequado. Isto penso só acontecerá quando for concretizado o "**Fecho de Ouro**" da AMAN no conjunto Panteón de Caxias (estátua equestre, restos mortais do Pacificador, Capela e Museu). Só assim, de fato, terão sentido estas palavras do idealizador da AMAN, não só no sentido material, mas sobretudo no espiritual, no caso o fecho de ouro da AMAN: "**A AMAN foi o meu sonho e sinto-me feliz em vê-lo realizado**".

### **A CONSTRUÇÃO DA AMAN EM RESENDE**

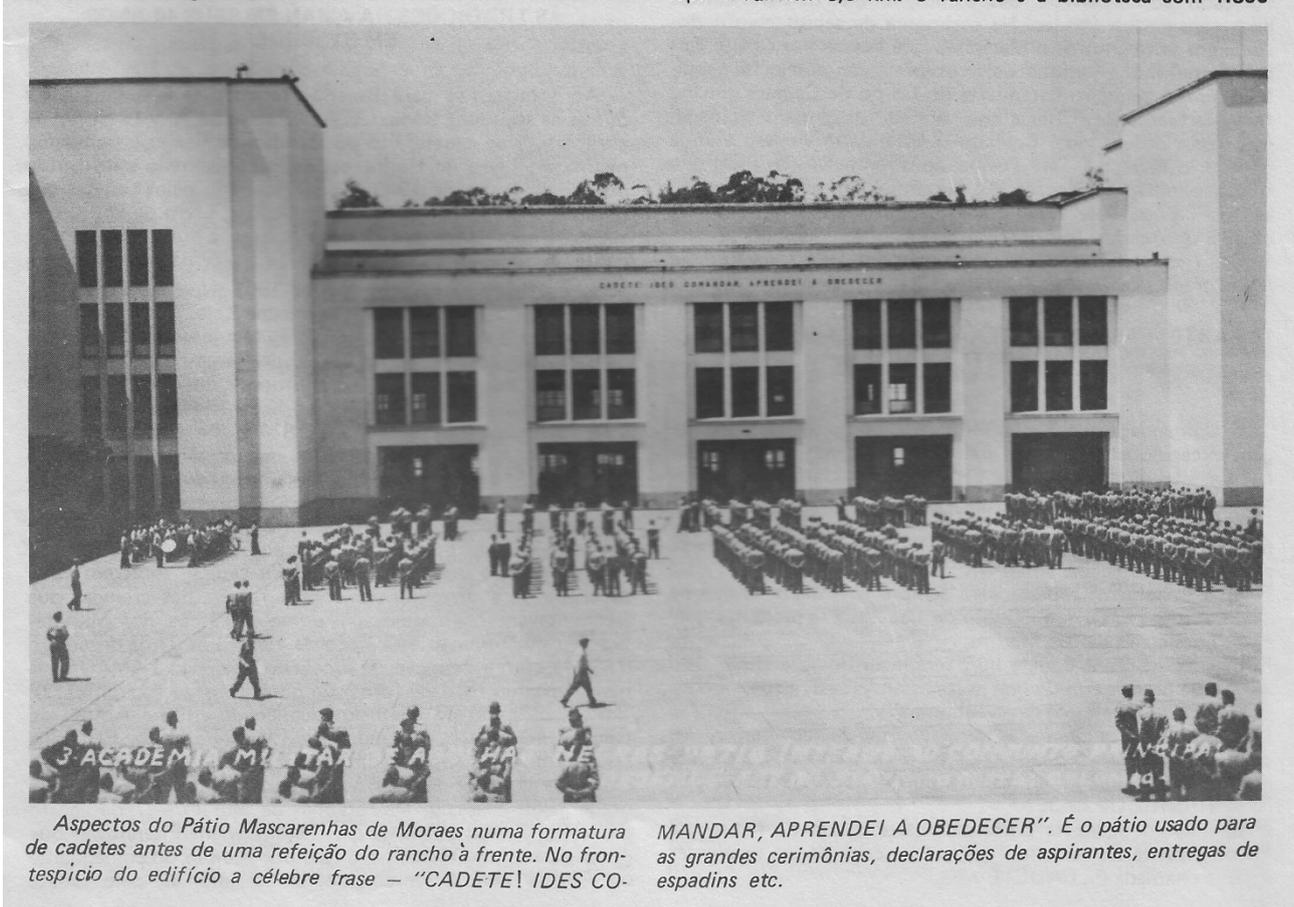
O Plano Diretor inicial da AMAN é o que foi realizado a exceção do **fecho de ouro** sonhado pelo Mal. José Pessoa e Comissão Construtora - o Conjunto Panteón de Caxias (estátua, museu e capela) não realizado e, de um modo geral, as instalações do Curso Básico, Curso de Material Bélico, Hotel de Trânsito, Curso de Comunicações etc, não previstas originalmente.

O plano executado possui diferenças com o inicial; embora tenha sido o mesmo arquiteto Pena Firme. Adaptações decorrentes principalmente da mudança do local inicial, Fazenda do Castelo para a atual. **O Marechal José Pessoa preconizava a existência de alojamentos visando a aumentar a amizade e a camaradagem e não o aspecto atual de apartamentos.**

A escolha de Resende decorreu da excelência de seu clima e posição. O clima foi considerado ameno, salubre e sem variações bruscas, águas de serra potáveis, ar puro e seco. Quanto à posição, por ser afastada do Rio, centro de agitações políticas, e situação entre o Rio e São Paulo, respectivamente capital do país e maior centro industrial, além

de chave de acesso para o Sul do Brasil, Sul de Mato Grosso e facilidade de comunicações com Minas, irradiadora de caminhos para o W e N e, com Angra dos Reis, de valor naval notável. (10)

O valor militar de Resende se evidenciou em 1932 como QG das Forças Legais e na Revolução de 1964 quando a AMAN se interpôs entre tropas do I e II Exército, evitando um choque entre ambos.



Aspectos do Pátio Mascarenhas de Moraes numa formatura de cadetes antes de uma refeição do rancho à frente. No frontispício do edifício a célebre frase – “CADETE! IDES CO-

MANDAR, APRENDEI A OBEDECER”. É o pátio usado para as grandes cerimônias, declarações de aspirantes, entregas de espadins etc.

A retirada da AMAN do Rio procurava prevenir seu envolvimento histórico, **“por manipulação externa e desassistência interna”**, em movimentos políticos. Para isto a história havia evidenciado na própria carne de muitos chefes, que a **“Escola Militar é o Exército do futuro que não pode sob pretexto algum ser comprometido no presente, por seu envolvimento em lutas internas”**. E esta tradição vem sendo atendida desde 1935, segundo se conclui do Marechal Mascarenhas de Moraes em suas **Memórias**.

O projeto da AMAN foi assim definido:

**“Arquitetura sóbria, neo-clássica, apropriada ao espírito de transição moderno. Mantém equilíbrio de tendências arquitetônicas, sem ferir a tradição, e deixar de tirar proveito dos predicados progressistas da atualidade e procurando, também, atender às condições técnicas compatíveis com as construções de grande vulto”**.

O conjunto principal foi construído sobre 1.059 estacas Franki para suportarem entre 30 e 100 ton. Colocadas de topo mediram 8,5 km. O rancho e a biblioteca com 1.800 m<sup>2</sup> cada, possuem 10 e 9 metros de pés direito e o cinema 18. Os alojamentos foram construídos para um efetivo de 1.440 cadetes, com possibilidade de ampliação com camas duplas ou beliches. O conjunto de piscinas foi na época da construção o mais moderno da América do Sul e o cinema o mais moderno do Brasil. O mármore vermelho usado no conjunto principal foi doado por Henrique Laje e o amarelo foi adquirido em Portugal e transportado grátis por esse ilustre brasileiro.

## HENRIQUE LAJE - O CADETE Nº 1

Ao tempo da Escola da Praia Vermelha tornou-se grande benfeitor dos cadetes o velho Laje, Antônio Marins Laje Filho, fundador da Cia. de Navegação Costeira, em 1891. Desde então ele introduziu o costume de fornecer aos alunos da Praia Vermelha passagens grátis em seus navios, por ocasião das férias. Esta tradição foi continuada por seu filho Henrique Laje com os alunos do Realengo. Henrique foi um grande amigo e estimulador do Marechal José Pessoa. O apoio dado aos cadetes caracterizava-se por fornecer-lhes passagens de férias em seus navios, prêmios aos primeiros colocados das Armas e Serviços e doar a Taça Henrique Laje para as disputas entre as Escolas Militar e Naval. Em julho de 1938 Henrique Laje ofereceu doar todo o mármore vermelho necessário à construção da AMAN que foi extraído de Santa Catarina. Segundo a tradição os portões de ferro da Entrada Monumental, da entrada do Conjunto Principal e do rancho foram fabricados nas oficinas de Henrique Laje, na Ilha de Viana. Era voz corrente que toda a prataria 90 que equipava o rancho dos cadetes tinha sido oferta de Henrique Laje, homem sem filhos, aos cadetes do Exército, que ele simbolicamente perfilhara. Por tudo, ao falecer em 1942 e após, foi alvo de significativas homenagens dos cadetes. Na cerimônia de sepultamento discursaram entre outros o Marechal José Pessoa e o cadete Jarbas Passarinho. Henrique Laje conforme seu desejo foi sepultado com o primeiro Estandarte do Corpo de Cadetes que lhe fora ofertado antes. Oferta que para ele fora a maior homenagem recebida em vida. Colocou o Estandarte em seu ataúde o próprio Marechal José Pessoa, após removê-lo do local que o ilustre morto o colocara, em destaque, em sala de sua mansão no Parque Laje atual. Henrique Laje apreciava muito ser chamado o **Cadete nº 1**. Esta tradição foi consagrada pelo Boletim Escolar nº 59 de 13 de março de 1943, na forma a seguir transcrita:

### II PARTE - ASSUNTOS GERAIS E DE ADMINISTRAÇÃO CADETE Nº 1

O Comandante da Escola Militar deliberou, como homenagem excepcional ao grande patriota Henrique Laje, conceder em sua memória o título de Cadete nº 1, deixando de distribuir esse número aos Cadetes da Escola.

Passando amanhã, 14 de março, a data natalícia do insigne brasileiro e maior amigo da Escola Militar, este Comando baixa as seguintes instruções sob o título acima:

°O Cadete nº 1 pertencerá sempre ao estado efetivo da Escola Militar e do Corpo de Cadetes e figurará nas relações gerais de uso interno;

- a) anualmente o Cadete nº 1 será incluído na subunidade a que pertencer o Cadete porta-estandarte da Escola e figurará como efetivo dessa subunidade;
- b) em todas as chamadas das "Revistas do recolher" o sargento de dia à subunidade da letra b chamará o Cadete nº 1, cabendo ao cadete porta-estandarte responder: HENRIQUE LAJE!
- c) quando o cadete porta-estandarte deixar de figurar na "**Revista do recolher**", caberá ao cabo de dia responder a chamada do CADETE nº 1.

### INCLUSÃO DO CADETE Nº 1 EM SUBUNIDADE

Em consequência do item anterior é nesta data incluído na Bateria de Artilharia desta Escola, o CADETE Nº 1 - HENRIQUE LAJE, o qual passará a figurar nos pernoites dessa subunidade a partir de 15 do corrente.

Em consequência coube-lhe o espadim de Caxias nº 1 que foi retirado de circulação e incluído no Museu Acadêmico para pertencer eternamente ao Cadete nº 1 — Henrique Laje.

Assim todas as noites desde 15 de março de 1943, no silêncio da Academia o primeiro aluno do último ano ao ouvir no início da Revista as palavras — Cadete nº 1 — responde: Henrique Laje.

Há cinco anos desde o centenário do nascimento de Henrique Laje, o Cel. Rubem Barbosa Rosadas — Delegado da Academia Brasileira de História em Resende, da Delegacia Barão Homem de Mello, tem sido convidado pelo Corpo de Cadetes para proferir palestra ao 1º ano sobre Henrique Laje.

A Delegacia recebeu o nome do Barão Homem de Mello por ter ele vivido os últimos dias e falecido em 1918, em Itatiaia, depois de haver sido Presidente do Rio Grande do Sul, na Guerra do Paraguai, onde auxiliou de modo assinalado ao General Osório a recrutar o 3º Corpo de Exército. Mais tarde foi Ministro da Guerra e historiador que presidiu o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além de professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro, onde foi alvo de tocante homenagem dos alunos no período 1895-1905, conforme se conclui de coletânea de ordens- do- dia mandadas editar pelo Coronel Agenor Homem de Carvalho em 1983-84. Foi além do 1º biógrafo de Andrade Neves Barão do Triunfo (11).

Segundo o Cel. Rosadas Henrique Laje foi o primeiro civil a ser agraciado com a Ordem do Mérito Militar criada em 1934.



## AS TRADIÇÕES NA AMAN EM SEUS 40 ANOS EM RESENDE

Ao transferir-se para Resende foram para a AMAN entre outras as seguintes tradições: Aniversário da AMAN em 23 de abril; título de cadete; uso do espadim de Caxias e uniformes históricos; Livro de Honra, estímulo ao exemplo e instituído em 22 de junho de 1940 e a ser assinado pelos cadetes que durante o curso não sofreram punição e. Livro de Ouro, destinado a impressões de visitantes ilustres, a critério do comandante. Trouxeram os cadetes uma gíria própria preservada em

parte na **Revista do Clube Militar** 1961 (Número Especial) e a tradição do Cadete nº 1 — Henrique Laje. Em Resende foram pouco a pouco tendo início as seguintes tradições hoje consolidadas ou não. Assim em **20 de março de 1944** pela primeira vez houve cerimônia de Entrada dos Novos Cadetes por portão próprio. Em **23 de abril de 1944** foi introduzida a cerimônia do sino fundido em 1811 e que dava tantas badaladas quantas fossem as gerações que passaram pela Escola desde 1811. Esta tradição belíssima durou só três anos e não foi possível localizar o sino quando o procuramos em 1978 por todos os locais da AMAN, com o concurso do Cel Sérgio Marcondes. Data de então a inauguração do cinema escolar e logo a seguir o início da tradição dos cadetes torcerem pelos bandidos para divertirem-se com a reação das crianças que frequentavam os matinês. A primeira Páscoa dos Militares ocorreu no **Domingo de Páscoa de 1944**. Em **31 de dezembro de 1944** com a extinção da Escola do Realengo a AMAN recebeu o encargo total de formação de oficiais do Exército (12). Em **17 de julho de 1945** por ocasião de visita à AMAN do General Mac Clark, comandante do V Exército dos EUA que enquadrou a FEB, o Estádio Escolar passou a ter o seu nome — **23 de abril de 1945**. Foi inaugurado o pátio central que desde 1965 chama-se Mascarenhas de Moraes — **7 de agosto de 1945**. Visitou a AMAN o General Dwight Eisenhower que doou espadim de West Point, que por decisão do comandante da AMAN deveria ser cingido, em cerimônias, pelo cadete porta-bandeira. Esta tradição não pegou. Existem dois espadins de West Point no Museu da AMAN.

Em **11 de agosto de 1945**, teve lugar a primeira declaração de aspirantes na AMAN e o início de mais uma tradição — a cerimônia de abertura do Portão de Saída dos novos Aspirantes. Transpuseram-no pela primeira vez os depois generais Fernando Valente Pamplona (Inf), Waldemar de Araújo Carvalho (Inf), Harry Alberto Schnardof (Inf), Diogo de Oliveira Figueiredo (Cav), Floriano Aguilar Chaves (Cav), Demócrito Correia Cunha (Cav), Sílvio Ferreira da Silva (Inf), Valdir Eduardo Martins (Art), Raymundo Maximiliano Negrão Torres (Art), Domingos Fragomeni (Cav), Hélio Pacheco (Inf), Manoel Augusto Teixeira (Art), Everaldo Oliveira Reis (Art), José Albano Leal (Inf), Mário Orlando Ribeiro Sampaio (Cav), Leo Etchegoyen (Cav), Dálnio Starling (Eng), Décio Barbosa Machado (Art), Luiz Henrique Oliveira Domingues (Art), Osvaldo Muniz Oliva (Art), José Antônio Barbosa Moraes (Cav) e Jonas de Moraes Correia Neto (Art).

**021 de novembro de 1946** — Foi aprovado o uso de anéis de formatura para os aspirantes com distintivo da arma ou serviço, nome do formando. A tradição se não firmou como no Exército dos EUA onde ela é muito significativa.

**12 de setembro de 1945** - 0 Mar. José Pessoa passou o último dia de sua carreira na ativa na AMAN. Consta haver destinado ao Curso da Cavalaria a galeria dos grandes chefes da Arma no Brasil que organizara quando Inspetor da Arma de Cavalaria (1939-43).

**16 de fevereiro de 1950** — Foi batizado de Ten. Moura o pátio principal da AMAN. Ele homenageava o Ten. Moura desportista que preparava-se para tentar a travessia do Canal da Mancha a nado e que foi vítima do seguinte acidente aéreo. O piloto da FAB, Ten. Brasil, deu uma carona ao Ten. Moura num avião NA (T-6) (13). Depois do avião dar um rasante na região de Penedo, ao executar um **looping** foi direto ao solo, perdendo a vida o piloto e o Ten, Moura. Este acidente tem sido confundido na memória local com o do cadete Osório, do Ceará, que pilotando um Aeronca sobrevoou a AMAN, onde jogou suas roupas para depois rumar para o Rio, onde fez alguns razantes em Copacabana e embicou para o oceano para morrer. No comando do General Meira Matos, em 1969. o pátio citado teve o nome mudado para Marechal Mascarenhas de Moraes e o Ten. Moura passou a ser nome de uma avenida na área do Curso Básico.

**10 de julho de 1950** — Foi criado o Batalhão de Comando e Serviços, importante elemento de apoio à instalação dos cadetes.

**20 de janeiro de 1951** — Foi inaugurada a BR-101 (Rio-São Paulo) diminuindo o isolamento da AMAN.

**23 de abril de 1951** — Data em que a Academia passou a chamar-se Academia Militar das Agulhas Negras, concretização de um sonho do Marechal José Pessoa, já na reserva. No mesmo dia foi introduzido na AMAN o busto de D. João VI, criador da Academia Militar Real, em 1810. (14)

**19 de março de 1952** — Introdução do busto do Barão do Rio Branco, grande historiador militar e estimulador do fortalecimento militar do Brasil durante a Reforma Militar "**para que o país pudesse desempenhar com prestígio e segurança seu papel no convívio internacional**".

**23 de março de 1952** — Com a presença do Mal. Mascarenhas de Moraes foi inaugurado o Monumento aos Tenentes do Realengo tombados gloriosamente na Itália durante a 2ª Guerra Mundial — tenentes Aluysio Faria, Francisco Mega, Godofredo Cerqueira Leite e José Maria Pinto Duarte. De algum tempo para cá, na frente desse monumento tem lugar cerimônia de recepção dos novos cadetes de Infantaria. No mesmo dia foi inaugurado na Biblioteca, o quadro **Chegada da FEB**. (15)

**4 de novembro de 1951** — Teve lugar na Seção de Hipismo a inauguração do monumento ao cavalo **Casemiro**, glória do hipismo acadêmico.

**31 de janeiro de 1953** — Teve início a primeira cerimônia solene de Escolha de Armas.

**23 de abril 1953** — Os cadetes e depois oficiais; da turma de 15 de fevereiro de 1955, à qual pertencemos, escolheram para patrono o aspirante Francisco Mega, morto em ação na Itália. Com eles transpôs o Portão de entrada dos novos cadetes e, na condição simbólica de general-cadete, o Ministro da Guerra Cyro do Espírito Santo Cardoso, destacado e marcante ex-comandante da AMAN e amigo dos cadetes que findou seus dias em São João D'El Rey, cercado do respeito e veneração daquela histórica comunidade. **Neste dia a AMAN recebeu como doação uma espada de ouro que o povo brasileiro ofertou ao Duque de Caxias, depois de seu retorno vitorioso da Guerra do Paraguai.**

**12 de maio de 1953** — Surge o primeiro número do "O ALAMBARI", Informativo Interno fundado pelo Cap. Rubens Portugal.

**7 de junho de 1953** — Primeira entrega de espadins na AMAN, tradição que se firmou desde então. Antes era feita no Largo do Machado, frente a estátua equestre de Caxias e a partir de 1939 no Panteon para onde foi transferida a estátua e os restos mortais do Duque e da Duquesa de Caxias. Panteon ora pleiteado pela AMAN para completá-la.

**14 de junho de 1954** — Início do ano letivo com aula inaugural de Pedro Calmon.

**9 de julho de 1954** — Foi inaugurada a Agência dos Correios dentro da AMAN, elo fundamental dos cadetes com o mundo exterior à Academia e principalmente com suas famílias, namoradas e noivas.

**23 de abril de 1955** — Foi feita pela primeira vez a cerimônia de apresentação do Estandarte do CCAos cadetes do 19 ano e definido seu significado segundo concepção heráldica de Watsch Rodrigues.

**19 de dezembro de 1955** — A AMAN recebeu a coleção de quadros de Funchal Garcia, adquiridos pelo Ministro da Guerra, focalizando a região de Canudos no sertão baiano. Esta coleção em grande parte ilustra as paredes dos gabinetes de História e Geografia Militar. (16)

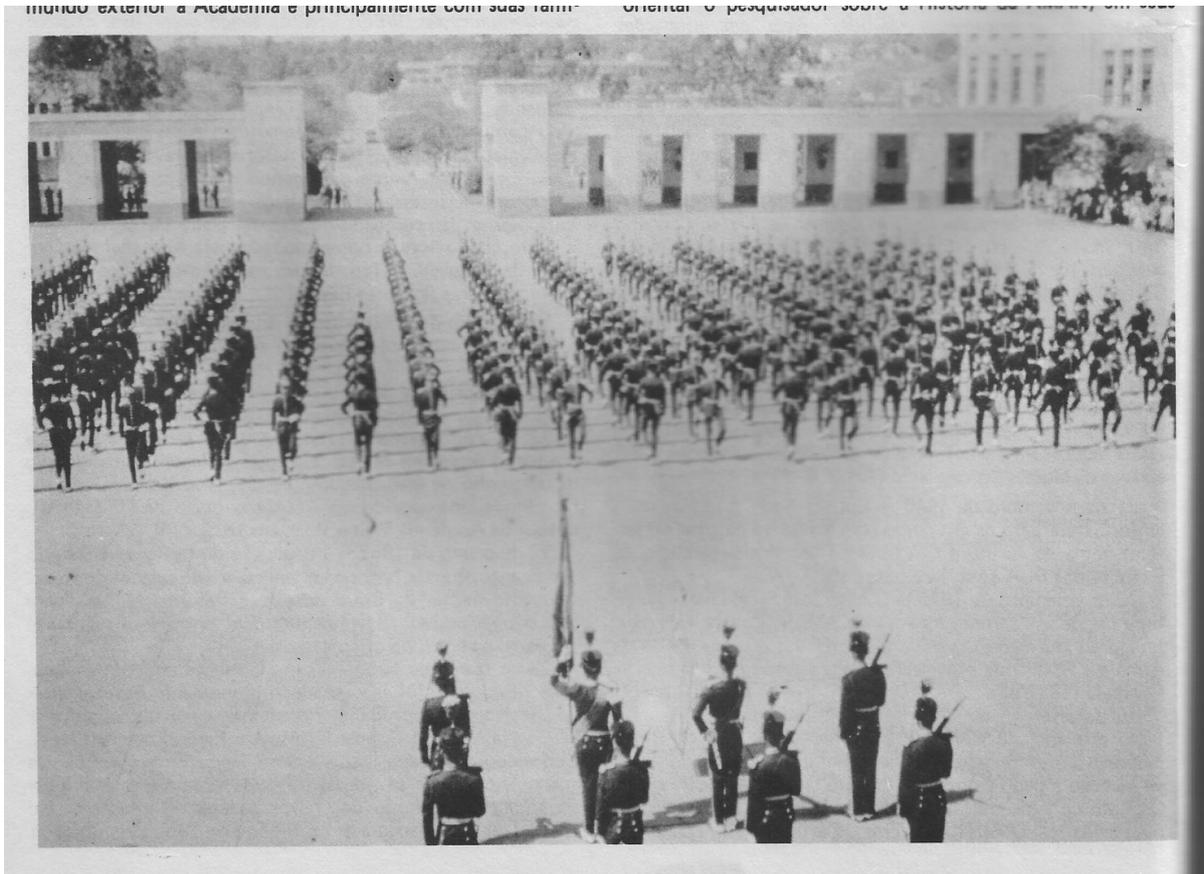
**10 de outubro de 1956** - O Museu Acadêmico depois de receber o acervo vindo do Rio passou a funcionar como Museu do Exército (Portaria de 17 de setembro de 1956).

**15 de outubro de 1957** — Tem início a justa tradição de comemorar-se na AMAN o Dia do Professor.

**19 de junho de 1958** — Encerram-se as filmagens de "**Aí vêm os cadetes**".

Estas são algumas das mais caras tradições da AMAN. Tradições que devem ser preservadas e divulgadas sob o argumento de que elas são para a Academia **como o perfume para uma flor**.

Em 1979, visando a preservá-las e divulgá-las, realizamos alentada e exaustiva pesquisa sob o título "35º aniversário de instalação da AMAN". Ao final relacionamos e localizamos 164 fontes de História da AMAN, desde 1811. Esforço que temos continuado a proceder por colecionar outras fontes desconhecidas ou produzidas depois em nossa Biblioteca à rua Florença, 266 — Jardim das Rosas — Resende.



A referida pesquisa foi publicada em **Revista do Clube Militar em 1979**, além de distribuída no original sob a forma de separata a diversas entidades e bibliotecas. Ela é capaz de orientar o pesquisador sobre a História da AMAN, em seus diversos aspectos. No final relacionamos algumas novas fontes surgidas depois.

Em **24 de dezembro de 1946 foram declarados aspirantes os integrantes da primeira turma formada integralmente pela AMAN**. Deles atingiram o generalato: Sinval Senra Martins (Int e o primeiro aspirante pela AMAN a atingir o posto), Niaze Almeida Nerude (Int), Ivan Jejuhy A. Costa (Inf), Antenor de Santa Cruz Abreu (Cav), José Ramos de Alencar (Cav), Fábio de Moura e Silva Lins (Inf), Manoel de Jesus e Silva (Inf), Alberto dos Santos Lima Fajardo (Inf) — destacado futebolista em, Resende como cadete), Samuel Tarso Teixeira Primo (Art — ex-subcomandante da AMAN em 1979), Ramiro Monteiro de Castro (Cav — o primeiro comandante da AMAN na condição de formado integralmente por ela), Iris Lustosa de Oliveira (Cav), Angelo Baratta Filho (Art), Brummel Couto (Inf), Waldemar dos Santos Costa (Cav), Almério José Ferreira Diniz (Inf — ex-comandante do CC), Hans G. Haltenburg (Cav), Murilo Fernando Alexander (Inf) e Garrone Romão Veloso (Cav).

São formados integralmente pela AMAN os ministros Danilo Venturini e Rubens Carlos Ludwig e o atual comandante Rubem Bayma Denys, filho do Marechal Odylio Denys, o único sobrevivente da Missão Indígena da Escola Militar de Realengo (1919-21).

E, assim, a AMAN caminha para a data 2 de março de 1990, quando superará o record de sua permanência no Largo de São Francisco de 1811-1857, de cerca de 46 anos, seguido e perto de quase igual período de permanência na Praia Vermelha — 1858-1904. Nesta data todos os oficiais generais da Ativa terão sido formados integralmente nas Agulhas Negras — o sonho maior do Marechal José Pessoa — **ainda incompleto, enquanto não receber o "seu fecho de ouro" o Panteon de Caxias (conjunto estátua equestre e restos mortais do Pacificador, capela e museu).**

## NOTAS AO TEXTO

- 1— Tasso Fragoso enviou da Alemanha em 1898 durante curso no Exército Imperial Alemão entre outros, artigo sob o título "Como se faz um oficial alemão" in: **Revista Brasileira**, 1898, tomo XIII, ano IV. Nele analisava e combatia o bacharelismo militar e propunha: "1º) redução de teoria ao mínimo indispensável; 2º) máxima atenção ao ensino prático ou profissional; 3º) seleção criteriosa dos melhores, para maior treinamento prático e teórico visando a preparação para o Estado-Maior." Assim além de haver sido pioneiro em estágio no Exército Alemão, o foi na **"luta bacharelismo X profissionalismo militar"** que teve seu ponto de inflexão no Regulamento de Ensino de 1905. Tasso Fragoso é membro dos IHGB e IGHMB e pioneiro no estudo crítico da História do Exército no Brasil. É seu biógrafo e historiador militar e membro dos IHGB e IGHMB Tristão de Alencar Araripe que foi uma espécie de S/3 do Realengo ao tempo de comando do Mal. José Pessoa e diretor de Ensino do então Cel. Mascarenhas de Moraes. A obra sob o título Tasso Fragoso foi editada pela Bibliex.
- 2— Deve-se o resgate à Memória Nacional da Academia Militar Real ao general Francisco de Paula Azevedo Ponde, ao localizar os documentos respectivos nos porões da Escola de Engenharia, na ilha do Fundão e havê-los entregue ao Arquivo Nacional. Trabalho específico de sua autoria sobre a Academia Real Militar esta publicada nos Anais do Sesquicentenário da Independência do IHGB em 1972.  
Revela que o coronel do Corpo de Engenheiros Jacinto Nogueira, mais tarde o construtor da Fazenda Santa Mônica em Vassouras e Marquês de Baependi, integrou a Junta Tríplice que dirigiu e instalou a Academia Militar Real em 1811 e atual AMAN. Jacinto era sogro da filha do Duque de Caxias e senhora da Fazenda Santa Mônica, quando ali faleceu seu pai em 7 de maio de 1880. O general Ponde é biógrafo do general Napion — patrono do Material Bélico. É presidente do IGHMB e IHG da cidade e estado do Rio de Janeiro e tesoureiro do IHGB.
- 3— Segundo conclusões do Ten Cel Hiran de Freitas Câmara, biógrafo do Marechal Pessoa que estuda faz 13 anos, estes melhoramentos visavam os futuros instrutores da AMAN que ele sonhou e viu nascer.
- 4— Este local na forma de um platô colocaria a Academia a salvo das enchentes, economizaria terraplenagem, segundo o citado oficial na nota 3. Foi sobre ele que surgiu o núcleo povoador inicial de Resende — Campo Alegre.
- 5— Coordenava as manobras o então major Tristão Alencar Araripe que mais tarde seria o Diretor de Ensino do Realengo, com o comando do Cel. Mascarenhas de Moraes. Integrava igualmente a Direção de Manobras o capitão Humberto de Alencar Castello Branco, mais tarde E/3 da FEB e presidente da República. Os

mais tarde Marechal Tristão de Araripe e Castello Branco, por seus valiosos estudos históricos militares críticos, foram membros do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e ambos comandantes da ECEME.

- 6— Segundo Penna Firme, o cel. Abilio Godoy, proprietário da Fazenda Castelo viu o local onde José Pessoa enterrou a pedra.

No fundo eram duas correntes de opinião em conflito. A dos generais Leite de Castro e José Pessoa, favoráveis à criação de uma moderna Escola Militar que seria agente por si de uma abrupta elevação do padrão do oficial do Exército. A outra liderada pelo general Goes Monteiro no sentido que a escola moderna deveria ser consequência da evolução gradativa do padrão cultural. Esta era a ponta visível do iceberg. É assunto que exige um aprofundamento maior e do qual talvez surja uma luz com os centenários de José Pessoa em 1985 e do general Goes Monteiro em 1889. Temia a corrente de Goes Monteiro e à qual parecia pertencer o Chefe da Casa Militar, Gen. Pantaleão Pessoa, que os aspirantes saídos duma escola modelar tivessem um choque cultural violento com a realidade existente na tropa. Este choque já fora sentido pelos ex-alunos da Missão Indígena e creio esteja o mesmo nas raízes das revoluções de 23, 24 e 30.

- 7— Segundo conclusões do Ten.-Cel. Hiran, com apoio em depoimento do arquiteto Penna Firme que colheu em 1972, a AMAN motivou três projetos: o primeiro para a Fazenda do Castelo; o segundo para o atual local, mas bem mais amplo e, o terceiro, basicamente o realizado com modificações e inacabado por faltar o Panteon de Caxias (estátua equestre, museu e capela) e o gabinete de Comando. No primeiro, o Panteon foi previsto no centro da esplanada de acesso ao Paraíba; no segundo, à esquerda para os lados do atual Estádio Mark Clark e, no último, à direita de quem transpõe o Portão Monumental.

- 8— Foi construída por um dos três integrantes da Junta Tríplice que dirigiu e instalou a Academia Real Militar inicialmente na Casa do Trem e logo a seguir no Largo de São Francisco. Trata-se do então Coronel do Corpo de Engenheiros Jacinto Nogueira da Gama, mais tarde Marquês de Baependi, sogro da filha mais moça do Duque de Caxias e baronesa de Santa Mônica. **O Cel. Jacinto foi o executivo da Junta e assim uma espécie de primeiro comandante da AMAN, em 1811.**

- 9— O Marquês de Baependi foi deputado constituinte em 1823, Senador e Presidente do Senado, Ministro da Fazenda, autor do primeiro Orçamento do Brasil, além de ligado à instalação e direção da AMAN em 1811. Estes fatos justificam a participação do Senado, da Câmara Federal e do Ministério da Fazenda na restauração de Santa Mônica além do Exército e do MEC. Segundo Pedro Calmon, o personagem foi estudado, em 1852, por Francisco José da Rocha.

- 10— Esta argumentação geopolítica era do lavra do capitão Mário Travassos, Assistente de José Pessoa e considerado um dos pioneiros em estudos geopolíticos na América do Sul e Brasil.

O Cel. Travassos ao assinar o Boletim Escolar n° 1 da AMAN em 19 de março de 1944 escreveu a certa altura:

***"É para mim grande honra assinar o Boletim n° 1 do Comando da Escola Militar de Resende. Conhecedor, até os seus mínimos pormenores, das origens da Nova Escola Militar, que datam do ano de 1931, nunca pensei que pudesse ver realizado o sonho do então Coronel José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, tão cedo concretizado, graças ao espírito dinâmico, à capacidade técnica e à experiência do Exmo. Sr. General Luiz de Sá Affonseca, e viesse me tocar a missão de insuflar vida à majestosa realidade que é hoje a Escola Militar de Resende."***

Faz justiça Mário Travassos ao general Afonseca que está a merecer um estudo especial pela construção da AMAN.

- 11— Segundo o então Ten Cel Jonas Correia Neto, membro do IGHMB, no excelente ensaio biográfico **Barão do Triunfo - Bravo entre os bravos**. Rio, Sec Ge Ex, 1970. Em 1944 predominou o espírito de que os cadetes da AMAN não deveriam ter nenhum contato com os cadetes do Realengo. Ao final de 1944 a realidade mostrou que era impositivo este contato para transmissão de padrões, tradições e mensagens. Assim a primeira turma declarada aspirantes em 1945 foi levada para a AMAN para completar esta lacuna, segundo seu integrante Jonas Moraes Correia Neto, em depoimento ao autor.
- 12— Na revolução de 32, no campo de paradas atual da AMAN, foi improvisado um campo de pouso para os aviões de guerra do governo — os WACO (vermelhinhos) e os POTEI. Foi necessário então derrubar árvores de parte do então Horto Florestal que ali existiu. Houve protesto ecológico sob o argumento de serem essências raras. E o então capitão aviador Henrique Dyott Fontenele não podendo reverter o processo respondeu:  
**"Se estas árvores são raras fiquem consolados que elas vão ficar mais raras ainda."** Achega fornecida pelo historiador da FAB, Brigadeiro Lavanère-Wanderley, segundo o qual nunca esteve nas cogitações da Aviação Militar treinar pilotos em Resende.
- 13— Deve-se ao general Azambuja Brilhante, antigo auxiliar do Mal. José Pessoa, tornar oficial o atual nome da AMAN **"nome orográfico escolhido pelo Mal. Pessoa para que ficasse perpetuada a grande obra na terra brasileira"**. O ato do Gen. Brilhante descrito é com apoio no traço de seu perfil feito por Humberto Peregrino no IGHMB em 5 de junho de 1984, aliás autor de excelente memória sobre a AMAN publicada na RIHGB em 1981 e por nós entregue ao biógrafo do Mal. Pessoa de quem Humberto Peregrino foi Ajudante- de-Ordens.
- 14— O então General Pessoa sonhou ardentemente comandar a FEB. Escolhido Mascarenhas de Moraes, apoiou o que classificou muito boa escolha. Como Presidente do Clube Militar coube-lhe organizar a memorável e condigna recepção à FEB. Achega com apoio no filho do mesmo nome do marechal Pessoa e transmitida a seu biógrafo Ten Cel Hiran.
- 15— O Ministro da Guerra era o General Henrique Baptista Dufles Teixeira Lott, que patrocinou a ida do artista á Canudos, segundo Humberto Peregrino ao traçar perfil biográfico do Mal Lott em sessão do IHGB em 31 de maio de 1984.
- 16— A mudança do nome de Campos Elíseos para Agulhas Negras foi ato do governador Ernâni do Amaral Peixoto às instâncias do Marechal José Pessoa.

#### NOTA COMPLEMENTAR

- O cap. José Pessoa pelo seu porte, garbo e esmero no fardar-se ficou conhecido por **"Capitão Beleza"** entre as moças professoras que tomavam o trem da Central no mesmo horário que ele. Ele era sobrinho do ex-Presidente Epiácio Pessoa.
- **Em 31 de janeiro de 1951** assumiu o comando da AMAN o General Nestor Souto de Oliveira que determinou a confecção do primeiro resumo histórico da AMAN desde 1810, o qual assinou em 27 de julho de 1952. No seu comando teve lugar, por Decreto de 23 de julho de 1951, a mudança de nome da Escola Militar de Resende para Academia Militar das Agulhas Negras, sonho do Mal Pessoa, proposto pelo General Azambuja Brilhante que antecedeu o General Souto de Oliveira.
- **Em 5 de agosto de 1944** visitou a AMAN o Presidente Getúlio Vargas, em cujo governo teve lugar o sonho e a concretização do grande empreendimento.

- O Mal. Mascarenhas visitou a AMAN como general em 27 de março de 1946 no comando interino do Cel. Professor de História Militar Pedro Cordolino de Azevedo, ofertando então quadros sobre Monte Castelo, Castelnuovo e Montes e feitos por artistas italianos.
  - Mais tarde, em 23 de março de 1952, na cerimônia de inauguração do Monumento aos Tenentes do Realengo, assistiu a AMAN desfilar, pela primeira vez, com seu atual Estandarte com o nome de Academia Militar das Agulhas Negras.
- 

Nota do autor. Este trabalho foi realizado em 1984, quando dirigia o Arquivo Histórico do Exército. E de lá para foi desenvolvendo este assunto, com outros trabalhos disponíveis em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) sob o título HISTÓRIA DA AMAN com cópias impressas em PASTA HISTÓRIA DA AMAN, integrada ao Programa PÉRGAMO de bibliotecas do Exército

(x) Autor

- Cel. Eng° QEMA. Curso de Pesquisador de História das Forças Terrestres Brasileiras pelo EME. Integrou a Comissão de História do Exército do EME (1971-74). É membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Academia Brasileira de História. É membro dos Institutos Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, cidade e Estado do Rio de Janeiro, cidade de São Leopoldo.
- Atualmente preside a Comissão de Pesquisa Histórica Básica da Revista A Defesa Nacional. É estudioso da História da AMAN (1810-Atualidade), assunto sobre o qual possui apreciável acervo de fontes e da qual foi instrutor de História Militar de 1978-80.
- O presente artigo foi base de palestra que proferiu em 14 de junho de 1984 na sede do Instituto Histórico e Geográfico da Cidade e Estado do Rio de Janeiro.